

## Escritos de geração: Jorge Amado e Edison Carneiro na roda da capoeira<sup>1</sup>

*Jorge Mauricio Herrera Acuña*

**Resumo:** Este artigo investiga a relação entre dois importantes intelectuais baianos e a capoeira durante as décadas de 1930 e 1940, momento fundacional da forma contemporânea de conhecimento que temos sobre tal manifestação. Os encontros de Samuel Querido de Deus, Edison Carneiro e Jorge Amado lançam luz sobre as condições de produção do conhecimento sobre a capoeira, atrelada às dimensões política, social e histórica. O aspecto central de tal configuração cultural foi a circularidade que se estabeleceu entre a capoeira, a literatura e a etnografia. Assim, a presença de Samuel Querido de Deus nos escritos de Jorge Amado e Edison Carneiro revelam as rupturas e os limites dos saberes de uma geração cujas imaginações sobre a cultura popular brasileira dialogaram entre si, ressoando como uma ladainha de versos similares em múltiplas versões.

**Palavras-chave:** Intelectuais; capoeira; geração; etnografia; literatura.

---

## Writings of a generation: Jorge Amado and Edison Carneiro in the capoeira

**Abstract:** This article explores the relationship between two Bahian intellectuals with capoeira during the 1930s and 1940s, and places this relationship as a foundational moment for contemporary literature about this practice. I argue that the encounters among Samuel Querido de Deus, Edison Carneiro, and Jorge Amado shed light on the knowledge production about capoeira's political, social and historical dimensions. The circularity between capoeira, Literature, and

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir do terceiro capítulo do livro *A ginga da nação: intelectuais na capoeira e capoeiristas intelectuais (1930-1969)* (Alameda, 2015). Pude contar com os importantes comentários e as sugestões das pesquisadoras do Núcleo de Etnohistória. Agradeço muito a todas as colegas do grupo, e também aos comentários realizados pela profa. Dra. Lilia Schwarcz e profa. Dra. Heloísa Pontes. Agradeço à Fapesp pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa. Por fim, sou grato pelos comentários generosos dos/das pareceristas da Revista Trilhos.

ethnography is the central aspect of this foundational moment. The representation of Samuel Querido de Deus in Jorge Amado's and Edison Carneiro's writings reveals the ruptures and limits of the knowledge by a generation whose imaginations about Brazilian popular culture were articulated and resonated as a litany with multiple versions.

**Keywords:** Intellectuals; capoeira; generation; ethnography; literature.

---

## **Escritos de generación: Jorge Amado y Edison Carneiro en el círculo de capoeira**

**Resumen:** Este artículo examina la relación entre dos importantes intelectuales bahianos y la capoeira durante las décadas de 1930 y 1940, un momento fundacional en la comprensión contemporánea de la capoeira. Los encuentros de Samuel Querido de Deus, Edison Carneiro y Jorge Amado arrojan luz sobre las condiciones en que se produjo el conocimiento de la capoeira, vinculado a sus dimensiones políticas, sociales e históricas. La circularidad establecida entre la capoeira, la literatura y la etnografía fue fundamental en esta configuración cultural. Así, la presencia de Samuel Querido de Deus en los escritos de Jorge Amado y Edison Carneiro revela las rupturas y los límites del conocimiento de una generación cuyos imaginarios de la cultura popular brasileña dialogaron entre sí, resonando como una letanía de versos similares en múltiples versiones.

**Palabras clave:** Intelectuales; capoeira; generación; etnografía; literatura.

## Introdução

O interesse deste artigo é compreender como se relacionavam dois importantes intelectuais com os capoeiras e a sua prática na Bahia durante as décadas de 1930 e 1940. No tocante à capoeira, em meio às várias contribuições relevantes para o estudo das relações com os intelectuais (ACUÑA, 2014; ASSUNÇÃO; DIAS, 2006; PIRES, 2001; REIS, 1997; VASSALO, 2003), nenhuma investigação se deteve com tanta atenção no tipo de afinidade que emergia durante a década de 1930 e que se tornaria predominante nas décadas seguintes. Uma exceção é o estudo de Josivaldo Pires de Oliveira, que vai notar tal situação nomeando-a como a passagem de capadócio das ruas para agente cultural (2004, p. 82), momento em que os capoeiras começam a rarear nas páginas policiais e a emergir nas seções de esporte e cultura (2004, p. 120). As histórias de Mestre Pastinha e Mestre Bimba foram as mais analisadas neste novo registro, mas pouco se observou a figura de Samuel Querido de Deus, que teve um papel central na articulação entre os dois momentos.

Um dos elementos principais na configuração intelectual da Bahia de então foi a circularidade que se estabeleceu entre a capoeira, a literatura e a etnografia. Vários intelectuais se referiram à capoeira baiana em suas elaborações, mas privilegiamos aqueles que o fizeram de maneira contínua, com ampla recepção e de maneira bastante unificada. Nesse sentido, as trajetórias de Jorge Amado e Edison Carneiro fundam um modo exemplar de relações entre os intelectuais e os representantes da capoeira baiana. A principal característica a unir Amado e Carneiro era a de pertencer a um grupo relativamente coeso, que podemos compreender sob a noção de “geração”, conforme adotada por Carl Schorske em seu estudo sobre as vanguardas modernas na Viena de fins do século XIX e início do XX. Na ideia de “geração” reside uma das principais chaves explicativas para este historiador, uma vez que seriam determinados grupos de indivíduos, com experiências marcantes em comum, que levam adiante as transformações em campos como o das artes e das ciências. No caso analisado por Schorske, é assim que ele sintetiza a experiência comum dos *Jungen* vienenses, uma jovem e pioneira geração de artistas austríacos que teria profundo impacto no século XX: “O centro geracional de gravidade de nossos criadores de cultura cai no começo da década de 1860; seu contexto formador, o fracasso do liberalismo austríaco na era da unificação e depressão germânica, na década de 1870” (2000, p. 177). Assim, cultura e política apresentam-se em dinâmica relação, abrindo possibilidades de transformações revolucionárias no caso das artes europeias, mas que requerem uma mediação para entender as condições da Bahia. Nesse sentido, assim como Schorske observa no caso de Viena, além do marco político, é fundamental entender as relações familiares e a formação educacional dos criadores de cultura (2000, p. 281). Somente assim, e sem deixar de considerar os limites da comparação, poderemos enfatizar em Salvador as conexões entre intelectuais, contexto político e criação cultural, conforme evidenciada pelas trajetórias de Jorge Amado e Edison Carneiro e a relação de ambos com Samuel Querido de Deus.

## O axé vermelho dos intelectuais rebeldes

Nos apontamentos de Jorge Amado, publicados em *Navegação de Cabotagem*,

encontramos o seguinte comentário de sua primeira experiência literária profissional:

Dias da Costa, Édison Carneiro e eu, em 1929, escrevemos em colaboração um romance sob o título de *El-Rey*, publicado em folhetim em *O Jornal*, órgão da Aliança Liberal na Bahia (...). Livrinho com todos os cacoetes da época, Medeiros e Albuquerque o definiu: ‘uma pura abominação’. Um único subliterato não poderia tê-lo feito tão ruim, foi necessário que se juntassem três (1992, p. 40-41).

A maneira bem-humorada com que relembra esta aventura nos permite também compreender como se dava início à carreira intelectual na Bahia das primeiras décadas do século XX. Era comum aos filhos das elites rurais e urbanas estudar em colégios bastante exclusivos para, em seguida, ingressar em algum periódico local, antes de iniciar uma carreira política. Este foi o caso tanto de Edison Carneiro como de Jorge Amado, embora com importantes ressalvas.

O primeiro era filho do professor Souza Carneiro, catedrático da Escola Politécnica, uma das três que oferecia ensino superior na Bahia da época. O cargo do pai no magistério habilitava Edison e seus irmãos a uma educação altamente seletiva, fato correspondido por Edison Carneiro, que se tornou bacharel em Direito pela Faculdade da Bahia em 1935. Jorge Amado, por sua vez, era filho de um fazendeiro de cacau da região de Ilhéus e, tendo estudado no Colégio Padre Vieira, um dos mais importantes de Salvador, foi, posteriormente, para a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

Mesmo antes de conseguirem o diploma, os futuros bacharéis já se lançavam à atividade jornalística e literária. Segundo Paulo Santos Silva, tais profissões eram o estágio inicial de uma carreira que se orientava para a política ou para os poucos cargos públicos disponíveis - cada vez em menor quantidade após a Revolução de 1930, que cassou e exonerou diversos opositores do novo regime na Bahia. Para Silva, os intelectuais baianos, entre 1930 e 1945, eram “a própria classe dirigente na dupla tarefa de se dedicar às letras e à atividade política” (2000, p. 17). Jorge Amado e Edison Carneiro, de fato, pareciam seguir esta receita.

Porém, nenhum dos dois seguiu a carreira tradicional reservada aos filhos das elites locais. Politicamente envolvidos com o comunismo, ambos se distanciaram a passos largos das opções políticas e estéticas encampadas por grande parte das elites baianas. O movimento literário Academia dos Rebeldes, liderado pelo “poeta maldito” Pinheiro Viegas, e do qual participaram Carneiro e Amado, pode ser compreendido como um dos marcos culturais dessa trajetória de distanciamento. Para Gustavo Rossi, a atuação dos rebeldes buscava uma inscrição particular no interior dos grupos oligárquicos da Bahia, operando “códigos de distinção que fossem capazes de marcar a distância relativa que seus membros mantinham das instituições oficiais de manutenção da produção cultural baiana” (ROSSI, 2011, p. 93). É sob tal perspectiva que observamos a declaração de Jorge Amado a seguir. Esta visão imputa aos letrados baianos a divisão entre um Brasil “fictício” e um Brasil “real” e, por consequência, entre escritores mais ou menos comprometidos com o “povo”:

A Academia dos Rebeldes foi fundada na Bahia em 1928 com o objetivo de varrer com toda literatura do passado... sem dúvida concorreremos de

forma decisiva - nós os Rebeldes, e mais os moços do Arco e Flexa e os do Samba - para afastar as letras baianas da retórica, da oratória balofa, da literalice, para lhe dar conteúdo nacional e social na reescrita da língua falada pelos brasileiros. Fomos além do xingamento e da molecagem, sentíamos-nos brasileiros e baianos, vivíamos com o povo em intimidade, com ele construimos, jovens e libérrimos nas ruas pobres da Bahia (AMADO, 1992, p. 85).

A experiência junto a este círculo literário e suas concepções sobre a Bahia e o Brasil estimulou nestes jovens uma “descoberta do povo”, ou seja, o convívio com grupos e manifestações ausentes da retórica daqueles preocupados apenas com a história das elites. Existe um paralelo evidente entre Jorge Amado e Edison Carneiro no movimento de “descoberta do povo”, já que ambos são marcados por um engajamento político e pela busca de uma aproximação junto à população mais pobre da Bahia. “Descoberta do povo” é um termo utilizado por Peter Burke para descrever uma situação que se estabeleceu em algumas regiões periféricas da Europa em meados do século XVIII. Esta situação levou alguns intelectuais e outras pessoas, chamadas por Burke de “mediadores”, a registrar manifestações literárias, orais, religiosas e outras, temendo pelo seu desaparecimento frente ao crescimento de grandes cidades e à migração das populações camponesas (BURKE, 1989, p. 85). No caso de Carneiro e Amado, o temor pelo desaparecimento das culturas populares se articulou com uma visão que definia o afro-baiano como o principal representante de um longo processo de exploração, combinando uma dupla opressão: a racial que os posicionava como bárbaros e inferiores e a individual que os submetia como proletários ao modo de produção capitalista (ROSSI, 2011, p. 171).

Embora não fosse a capoeira uma manifestação camponesa, mas de habitantes de uma cidade em crescente urbanização, não parece diferente o objetivo de Edison Carneiro, ao discorrer sobre a prática em *Negros Bantus*. Carneiro conclui então que, embora a capoeira revele enorme vitalidade, o “progresso dar-lhe-á (...) mais cedo ou mais tarde, o tiro de misericórdia” (1937, p. 160). Em seguida à aventura frustrada de “subliterato” com Jorge Amado, Edison Carneiro passa a interessar-se pelos “estudos sobre o negro”. Em 1934, ele participou do 1º Congresso Afro-Brasileiro de Recife e, três anos depois, foi um dos organizadores do 2º Congresso, realizado em Salvador.

Unindo uma militância comunista à descoberta do povo, Edison Carneiro insistiu, por exemplo, na defesa da liberdade religiosa para os candomblés, uma posição sustentada por suas incursões etnográficas. Toda a ambivalência de sua posição se expressa na avaliação sobre o 2º Congresso Afro-Brasileiro, quando afirma que este teve “uma dupla fisionomia: foi um certame popular, ao mesmo tempo que foi um certame científico. Homens de ciência e homens do povo se encontraram ombro a ombro” (CARNEIRO, 1980, p. 46). Enfatizando o caráter político e científico, Carneiro também marcava posição contrária em relação ao 1º Congresso, organizado por Gilberto Freyre, onde segundo ele, ainda imperou uma visão de intervenção médica sobre as religiões e demais manifestações negras.

No caso de Jorge Amado, tanto a sua militância política, como sua participação no candomblé e sua luta pela liberdade religiosa confirmam postura semelhante à de Carneiro. Amado defendeu ainda a tolerância religiosa em obras como *Jubiabá* (1935), na qual o título faz referência ao personagem de um pai-

de-santo. Um outro exemplo foi a sua atuação como deputado federal, ao propor a criação da lei que garantia a liberdade religiosa.

Para situar o quadro cultural que dava sentido à literatura de Jorge Amado, pode-se evocar sua opinião a respeito do movimento Modernista de 1922, quando afirma:

nada tínhamos a ver com o modernismo, nossa geração não sofreu qualquer influência do modernismo - um movimento regional de São Paulo que teve pequena influência no Rio e quase nenhuma no resto do país, e pequeníssima no Rio Grande do Sul (...) (RAILLARD, 1990, p. 52-53).

Como analisa Ilana Goldstein, a crítica de Jorge Amado incide sobre a postura dos modernistas frente à cultura popular, constituindo importante diferença com as obras de escritores do Nordeste no período: “O fato de Mário de Andrade ser um erudito transparece claramente na forma como lida com a cultura popular e o folclore; para ele, o criador nunca pode se esquecer que está trabalhando em área culta que usa do popular, mas que não se transforma em popular” (GOLDSTEIN, 2000, p. 94). Para Amado, por outro lado, quanto mais os livros tivessem o efeito de linguagem popular, como se fosse o povo falando, maior a realização do romancista. E aqui reencontramos a proximidade entre Amado e Carneiro, pois, como afirma Rossi: “O romance, entendido pelas qualidades de depoimento e fotografia do mundo social, encontrou na linguagem sociológica repertório temático e expressivo, separando literatura e ciências sociais uma linha bastante tênue e porosa” (2004, p. 44).

Ao mesmo tempo em que os romances deveriam ser expressos na linguagem popular, também seriam mensagens para a mobilização política. Desta forma, para Amado, somente após a Revolução de 1930 tal condição seria alcançada, quando surge um “movimento conhecido como o ‘romance de 30’ portador de uma literatura que vem tratar dos problemas do povo e de uma escrita baseada na língua falada no Brasil” (RAILLARD, 1990, p. 60).

A afirmação de Amado converge com a análise de Antonio Candido, para quem, além de popular, a Revolução de 1930 foi um eixo e um catalisador das experiências que ocorriam de maneira dispersa desde a década de 1920. Seria o que o crítico paulista chamou de “sopro do radicalismo intelectual” e que abriu espaço para as “literaturas regionais”, como o romance do Nordeste, “considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência” (CANDIDO, 1984, p. 27-36). E se os livros de Jorge Amado expressavam com propriedade essa avaliação, as pesquisas de Edison Carneiro também participavam de tal radicalismo.

Ao lado da experiência política, as figuras do sociólogo Gilberto Freyre e do antropólogo Arthur Ramos também foram importantes, ambos disputando a primazia nos estudos sobre as populações afro-brasileiras. Por exemplo, Jorge Amado - que também participou do I Congresso Afro-brasileiro do Recife - foi o responsável por apresentar Edison Carneiro a Arthur Ramos, o qual viria a publicar o primeiro livro de Carneiro, *Negros Bantus*. Mas, ainda que interessado nas ciências sociais, Jorge Amado construía sua obra no campo da literatura, ao passo que Edison Carneiro dialogava com o escritor e com Arthur Ramos, o que terminou por limitar as interpretações mais originais que elaborou entre o marxismo e o evolucionismo na questão racial (ROSSI, 2011, p. 177-8). De qualquer maneira,

como participantes de uma geração que transigiu com a magia dos candomblés o estrito materialismo comunista, e pintou com as cores da esquerda os mistérios dos axés, Edison Carneiro e Jorge Amado divergiram das opções até então assumidas pelos filhos das elites baianas.

Tal negação, que teve na descoberta do povo uma compreensão de sociedade civil, e no comunismo uma expressão política, assumiu dois caminhos entrelaçados: o científico, professado por Edison Carneiro e o artístico, elaborado por Jorge Amado. A proximidade dos objetivos de ambos é o que permite traçar um círculo imaginário que congrega ambas trajetórias, e as distintas estratégias textuais reforçaram seus discursos, contribuindo para uma certa imaginação sobre a Bahia e o Brasil.

Descobrir o povo, em especial o povo negro e mestiço, refundar a literatura no que acreditavam ser a língua falada pelos brasileiros, contar a história do país a partir dos personagens pobres da Bahia, apoiando a sua organização em associações ou conscientizando-as da sua condição proletária, foram algumas das tarefas assumidas por Amado e Carneiro. Ambos buscaram representar a nação, afirmando peremptoriamente a especificidade local, em notas populares articuladas com a luta de classes. A partir dessas características podemos melhor compreender o lugar do povo na obra desses intelectuais. Assim, também podemos discutir uma das amizades que efetiva o elo com a cultura popular. A partir de 1936, Samuel Querido de Deus passa a transitar entre o romance amadiano e a etnografia de Carneiro.

### **Samuel Querido de Deus: rebeldia e resistência na capital da Bahia**

O conjunto de citações a seguir oferece um quadro ampliado e interessante de características atribuídas a Samuel Querido de Deus:

(...) Querido-de-Deus... chegou hoje dos mares do sul, de uma pescaria. O Querido-de-Deus é o mais célebre capoeirista da cidade. Quem não o respeita na Bahia? No jogo de capoeira de Angola ninguém pode se medir com o Querido-de-Deus (...)

O maior capoeirista da Bahia afirmam-me os negros ser Samuel 'Querido de Deus', um pescador de notável ligeireza de corpo.

O Querido-de-Deus, que era um pescador valente e um capoeirista sem igual, também acreditava neles [os deuses negros da África], misturava-os com os santos dos brancos que tinham vindo da Europa.

E ali mesmo [no Clube de Regatas do Itapagipe], durante toda uma manhã, o melhor grupo de capoeiras da Bahia - chefiado por Samuel Querido de Deus e integrado pelo campeão Aberrê e por Bugaia, Onça Preta, Barbosa, Zepelim, Juvenal, Polu e Ricardo, - exibiu todas as variedades da célebre luta dos negros de Angola.

O Querido-de-Deus é um bom sujeito. Se Pedro Bala não houvesse aprendido com ele o jogo da capoeira de Angola, a luta mais bonita do mundo, porque é também uma dança, não teria podido dar fuga a João Grande, Gato e Sem pernas.

A partir das citações, podemos resumir o perfil de Samuel Querido de Deus como alguém que exercia a profissão de pescador, professava o sincretismo

religioso e era um excelente capoeira, inigualável na Bahia em destreza e agilidade. Junto à valorização de sua luta, encontramos ainda qualidades morais, como a de bom sujeito e valente. Uma vez que os trechos não se contradizem, poderíamos ainda supor uma origem comum, talvez em alguma crônica, num livro de memórias ou numa notícia de jornal do período. Mas os textos têm origens e abordagens distintas, alguns voltados para um enfoque etnográfico elaborado por Edison Carneiro, e outros para uma perspectiva literária criada por Jorge Amado<sup>2</sup>.

Ao provocarmos uma leitura conjunta desses fragmentos, o objetivo é apontar a semelhança entre eles e chamar a atenção para dois aspectos. O primeiro ponto é o consenso sobre certas características e qualidades de Samuel Querido de Deus, em especial sua destreza como capoeira. Foi nesses termos que ele apareceu na obra *Negros Bantus*, para exemplificar a capoeira de Angola<sup>3</sup>, assim como no livro *Capitães da Areia* para ensinar os meninos que moravam nas ruas e, por fim, no 2º Congresso Afro-Brasileiro, quando o capoeirista realizou uma performance sobre as diferentes formas da luta no Clube de Itapagipe. Samuel Querido de Deus gingava, portanto, em diferentes linguagens, no ensaio, na ficção e em eventos, tornando-se personagem e informante, ao mesmo tempo em que sua presença dava suporte a uma imagem da capoeira de Angola na Bahia da década de 1930. Ele se tornaria exemplo na mesma época em que Mestre Bimba já gozava de fama, desafiando pelos jornais os valentes da Bahia a enfrentarem a sua “luta regional bahiana”. Mas Bimba não correspondia à capoeira imaginada por Amado e Carneiro, dada a sua autoria sobre a criação de uma luta moderna que incorporava novos golpes e movimentos.

A capoeira que Samuel praticava não teria sido criada por ele, ao contrário da luta de Bimba. Samuel era ainda a capoeira coletiva e anônima, jogada nas festas de largo por um pescador valente, que se divertia após dias de trabalho no mar. Por outro lado, Samuel também contribuiu para definir os limites da capoeira de Angola ao participar do 2º Congresso Afro-brasileiro, chefiando o grupo na apresentação do Clube Itapagipe, portanto, fora das festas populares, espaço público por excelência das rodas. Um segundo aspecto dos textos é o que eles dizem do intercâmbio entre experiência etnográfica e literária, pois as fronteiras ainda pouco definidas entre ambas permitiram interessantes diálogos. Rossi, por exemplo, afirma que Jorge Amado vai ao encontro dos estudiosos da antropologia não apenas pela amizade com alguns deles, mas pelo evidente interesse nas culturas afro-brasileiras:

Para tanto, mesmo o ‘compromisso com a verdade’ impregnado na sua literatura, acabou por alinhar seu processo de criação às práticas sociológicas e antropológicas, coletando material e fazendo as vezes de ‘pesquisador’. Só que ao invés de monografias ou estudos etnográficos produziu, principalmente, romances (ROSSI, 2004, p. 68).

<sup>2</sup> O primeiro trecho foi extraído de *Capitães da Areia* (AMADO, 1937, p. 31), o segundo de *Negros Bantus* (CARNEIRO, 1937, p. 159), o terceiro *Capitães da Areia* (AMADO, 1937, p. 143), o quarto de *Ursa Maior* (CARNEIRO, 1980, p. 44) e o quinto de *Capitães da Areia* (AMADO, 1937, p. 263-4).

<sup>3</sup> Utilizo ao longo do texto a denominação “capoeira de Angola” no lugar da mais conhecida “capoeira Angola”. A manutenção da preposição enfatiza o uso dos textos na época e, desta forma, o discreto deslizamento semântico ocorrido ao longo do tempo.

No mesmo ano em que Mestre Bimba desafiava os valentes da Bahia, impressionando a muitos com as suas vitórias fulminantes e ganhando espaço na imprensa, Edison Carneiro circulava interessado “em encontrar traços negros bantus na Bahia”, como afirmou em carta a Artur Ramos (LIMA, OLIVEIRA, 1987, p. 90). Na capoeira, seu principal informante foi Samuel Querido de Deus. Podemos considerar a relação entre ambos nos limites de uma afinidade entre informante e pesquisador, sem grande envolvimento, a quem este se dirigia sempre que precisava conferir certos dados. Tal atitude foi muito distinta da proximidade com que Jorge Amado retratou Querido de Deus, tanto como personagem de *Capitães da Areia* como no guia literário *Bahia de Todos-os-Santos*.

Um dos exemplos da distância que Edison Carneiro estabelece está na menção que faz à excelência do capoeira: “O maior capoeirista da Bahia afirmam-me os negros ser Samuel ‘Querido de Deus’, um pescador de notável ligeireza de corpo” (CARNEIRO, 1937, p. 159). Ao utilizar a categorização de “os negros”, o etnógrafo efetiva o necessário afastamento entre a opinião dele e dos outros capoeiras. Igualmente, a denominação sugere a capoeira como prática exclusiva dos afro-baianos, ou pelo menos como instância legítima para afirmar a destreza de um praticante. Os afastamentos operados por Edison Carneiro podem ser atribuídos a dois motivos: uma posição de constante risco social e sua perspectiva científica. Para o primeiro caso importa destacar que ele era oriundo de uma família negra, a qual ascendeu socialmente pelo mérito intelectual do pai e do avô e que costumava ser visto pelas pessoas dos candomblés como um “branco da Bahia” ou, como dizem seus biógrafos, “um mulato doutor” (COUCEIRO, TALENTO, 2009, p. 39). Assim, a ascensão social da família, as relações com os grupos oligárquicos locais e seu mérito intelectual consolidava um distanciamento nas interações que estabelecia com aqueles que eram objeto de seu estudo e militância política.

Reforça esta perspectiva o relato da antropóloga norte-americana Ruth Landes, que não esperava encontrar em Carneiro “um mulato, da cor trigueira chamada parda no Brasil” (LANDES, 2002, p. 100), uma vez que todas as cartas de recomendação vinham de colegas brancos. A pesquisadora, que realizou suas pesquisas sobre o candomblé entre 1938 e 1939, encontrou no etnólogo seu principal guia pelas ruas de Salvador. Assim, uma prolongada convivência anima o texto, iluminando traços importantes da personalidade de Edison Carneiro. Era, certamente, a visão de uma estrangeira com origem em um país marcado pela segregação entre negros e brancos, mas que notava na Bahia, como a origem social era importante: “Em Edison encontrei um dos melhores exemplos da chamada ‘classe alta’. Era um liberal, e até mesmo o consideravam um radical em certos círculos; mas absolutamente não era um homem do povo (...)” (LANDES, 2002, p. 100). Em outro trecho, ao comentar a importância do candomblé para as pessoas na Bahia, Landes reproduz uma interessante opinião de Edison: “Não são materialistas...e, também nesse sentido, não são modernos. Os pretos são bons e afetuosos e até as relações e a filosofia do culto são afáveis (...). Parece que necessitam desse tipo de segurança. É de fato a única segurança deles” (LANDES, 2002, p. 134). Para Carneiro, o envolvimento das pessoas mais pobres com o candomblé e a capoeira se dava como busca por um fator de segurança, conclusão distinta de Ruth Landes, para quem tais manifestações eram modos de dramatizar as relações sociais, em particular as de gênero.

Se o elemento de classe parecia determinar um certo distanciamento de Carneiro na relação com Samuel Querido de Deus, sua militância comunista o estimulava a apoiar a organização coletiva dos capoeiras para defesa de seus interesses, na forma de associações civis. Carneiro vislumbrava os capoeiristas, assim como os religiosos dos candomblés, unidos em federações e ingressando na luta por direitos junto ao Estado.

Tanto as observações de Landes, como as cartas enviadas por Edison a Arthur Ramos deixam claras tais intenções (LIMA, OLIVEIRA, 1987, p. 131). E aqui, a estratégia discursiva ganha relevância, pois foi com a distância de quem sabia não ser “homem do povo”, mas um homem de ciência, que Carneiro construiu sua relação com Samuel Querido de Deus. Na Bahia da década de 1930, Carneiro se alinhava a um dos dois especialistas que rivalizavam no terreno de estudos sobre as populações afro-brasileiras, cada um deles com diferenças marcantes quanto ao modo de fazer ciência e de descrever seu objeto de estudo. Nesse sentido, Edison Carneiro se alinha mais com Artur Ramos, que dava pouco crédito às colaborações entre ciência e a literatura, ao contrário do que vinha fazendo Gilberto Freyre. Para Carneiro, havia que consolidar uma visão científica sobre o negro no Brasil e a perspectiva de etnografia que defendia implicava reforçar a diferença com a literatura.

Posto em contraste com o etnógrafo, Jorge Amado descreve uma relação muito mais próxima e afetiva com Samuel Querido de Deus, como fica explícito em *Capitães da Areia* e *Bahia de Todos-os-Santos*. No primeiro livro, o pescador é amigo dos meninos que moram nas ruas da cidade, vivendo de assaltos e pequenos golpes. Assim, temos com Samuel o bom sujeito, que ensina capoeira aos meninos para eles se defenderem melhor das violências cotidianas. Em *Capitães da Areia* e *Jubiabá* a capoeira, vista por Amado, ainda possuía todo o seu veneno como arma de defesa dos mais fracos. Por exemplo, em *Jubiabá*, o personagem principal, Antonio Balduino, aprende a jogar capoeira para se defender de um menino mais forte que ele e usa a capoeira para se defender de um ataque de navalha (AMADO, 1995 [1935], pp. 29 e 59). Apesar de valente e imbatível na capoeira, Samuel é também uma pessoa cordial. Quando dois cinegrafistas amigos de Jorge Amado quiseram filmar um jogo de capoeira, foi ao pescador que o escritor recorreu. Após a luta, Amado conta que um daqueles que filmavam perguntou quanto deviam pela exibição:

Samuel disse uma soma absurda em sua língua atrapalhada. Fora quanto os americanos haviam pago para vê-lo lutar [num outro momento]. O escritor explicou então que aqueles eram cinematografistas brasileiros, gente pobre. Samuel Querido de Deus abriu os olhos num sorriso compreensivo. Disse que não era nada e convidou todo mundo para comer sarapatel no botequim em frente (AMADO, 1960, p. 235).

Assim, Amado constrói a figura do velho pescador encarnando as duas faces do que seria a capoeira e, no limite, o próprio povo da Bahia em sua concepção: representando a resistência e a cordialidade dos oprimidos. Querido de Deus ainda seria lembrado nas várias reedições de *Bahia de Todos-os-Santos*, sempre como alguém próximo, parte do convívio do escritor, e por tanto tempo que, ao notar os primeiros fios brancos no cabelo do pescador, Amado se pergunta: “Quantos anos terá? É impossível saber neste cais da Bahia pois de há muitos anos o saveiro de Samuel atravessa o quebra-mar para voltar dias depois, com peixe para a banca

do Mercado Modelo” (AMADO, 1960, p. 235). Sempre de maneira íntima, o escritor sublinha a sua inigualável condição para além da habilidade de Querido de Deus como capoeira: “Sua cor é indefinida. Mulato, com certeza... Os ventos do mar nas pescarias deram ao rosto do Querido de Deus essa cor que não é igual a nenhuma cor conhecida, nova para todos os pintores” (AMADO, 1960, p. 234). Não deixa de ser interessante notar como na própria caracterização fenotípica do amigo, Jorge Amado inscrevia a particularidade de Samuel, amalgamando-a com os ventos e com o mar. Por um lado, Amado parecia seguir a composição naturalista do personagem, que deriva de um certo meio físico e social, traço desenvolvido cuidadosamente por Gilberto Freyre em sua visão ecológica da mestiçagem em *Casa-grande & senzala*. Por outro, Amado cultivava a proximidade com Samuel, baseada na intimidade dos anos passados juntos no cais do porto.

Novamente destacamos como as diferentes estratégias textuais imprimiram uma proximidade entre Amado e Querido de Deus. Assim, se o tratamento da realidade sob a literatura permitia uma maior liberdade do que a etnografia de Edison Carneiro, por outro lado, a preocupação em retratar fidedignamente a realidade social da Bahia era comum a toda geração do romance social - especialmente quando Amado escrevia sob a perspectiva de uma “literatura proletária”. No caso de Edison, embora Freyre fosse uma referência na fusão entre sociologia e literatura, ele escolheu desenvolver uma estratégia discursiva que postulava uma descrição mais objetiva - nos moldes de Arthur Ramos. Portanto, a postura de Carneiro e Amado nos textos mencionados, revelam tanto sobre o tipo de relação que estabeleciam com Samuel Querido de Deus, quanto sobre as estratégias discursivas que adotaram.

### **Adeus Samuel, boa viagem**

O triângulo amistoso entre Jorge Amado, Edison Carneiro e Samuel Querido de Deus revela muito sobre o tipo de relação que se tornou padrão entre intelectuais e praticantes de capoeira ainda na primeira metade do século XX, e que ainda tem impacto sobre os significados contemporâneos da capoeira. Trata-se de ressonâncias sobre a posição social, a racialização dos sujeitos, as estratégias discursivas e a experiência de uma geração. Compartilhando a experiência política da Revolução de 1930 e do comunismo, Amado e Carneiro realizaram a sua “descoberta do povo”. No caso, isso significou “descobrir” alguém como Samuel Querido de Deus para ser expressão de uma capoeira coletiva e imemorial.

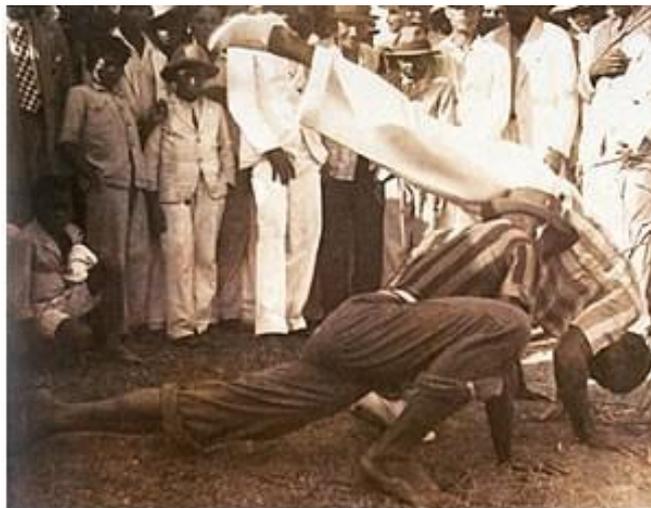
Em outro nível, pode-se notar como etnografia e literatura constituíram estratégias que ecoaram uma perspectiva homogênea sobre a capoeira, como uma ladainha de capoeira diversas vezes repetida para os leitores. Por outro lado, tais estratégias também expõem as distintas atitudes de Jorge Amado e Edison Carneiro. A partir de pequenos fragmentos e aproximações com outras fontes, nota-se em Edison Carneiro um distanciamento mais pronunciado do que o de Jorge Amado. Enquanto aquele se dirige ao seu objeto de estudo, este se aproxima o tempo todo, percebendo traços singulares até no fenótipo. A diferença ainda pode ser notada na ênfase que Carneiro dava à defesa das liberdades civis, materializada no apoio à organização de associações de capoeira e de candomblé, enquanto Amado se deteve na esfera pessoal, buscando compreender o capoeira, as suas atitudes e os seus traços. Embora as visões sobre Samuel Querido de Deus sejam semelhantes, percebem-se diferenças nos próprios textos de Amado e Carneiro, que permitem afirmar uma maior personalidade do

primeiro, inversamente ao que ocorre com o segundo. Certamente as próprias formas de conhecimento impunham estilos diferentes na escrita, mas ainda assim, pode-se notar que o “mulato doutor” Edison Carneiro, construía um distanciamento explícito em termos de classe e raça/cor. Ao se conduzir assim, Carneiro fazia contraponto à aproximação que o marcador racial induzia, postura inversa à de Jorge Amado. Para Rossi, Edison Carneiro operava uma sorte de feitiço social com o marcador racial, sendo capaz de estabelecer uma proximidade distanciada com o universo afro-baiano através da qual convertia a sua “cor” em trunfo político e intelectual, sem, no entanto, se objetivar como parte daquele universo, ou seja, sem borrar as fronteiras simbólicas entre “os negros” e ele próprio (ROSSI, 2011, p. 202).

No que se refere a Jorge Amado, a reflexão segue a direção contrária, uma vez que, mais bem inscrito em termos do posicionamento de classe e raça, a procura constante da proximidade com as manifestações populares e seus representantes jamais colocou em suspeição a sua existência social pré-construída. Desta forma, a experiência enquanto “geração”, no sentido dado por Schorske, consolidou em Amado e Carneiro uma compreensão convergente sobre a importância dos afro-brasileiros para a formação nacional e sobre a necessidade da militância para transformar a situação de racismo e marginalização. Ainda que compartilhando tal experiência geracional, Edison Carneiro e Jorge Amado expressaram condutas diferenciadas nas relações com os/as representantes da cultura popular baiana, resultado tanto da posição social, quanto das estratégias discursivas às quais se alinhavam.

O triângulo amistoso de Samuel Querido de Deus, Jorge Amado e Edison Carneiro ganha existência entre as rodas de capoeira sob condições específicas. Para uma compreensão mais cuidadosa da forma como eles definiram um padrão de relações dos intelectuais com os/as representantes de manifestações populares na Bahia da década de 1930, foi fundamental considerar a experiência política, as posições sociais e as estratégias discursivas adotadas. Os escritos sobre a capoeira e descrições como a de Samuel Querido de Deus têm sido usados como referência por pesquisadores e capoeiristas ainda hoje, mas foram elaborados por uma geração de intelectuais que se aproximou das culturas populares sem deixar de viver sob as condições de seu tempo. A principal condição, no entanto, permanece indicada pela efêmera existência de Samuel Querido de Deus, que desaparece da vasta produção posterior de Jorge Amado e Edison Carneiro. Pouco sabemos por eles ou por outras fontes sobre o homem que animou a imaginação dos leitores das etnografias e ficções aqui analisadas e que deixou os seus gestos inscritos em uma das primeiras fotografias conhecida sobre a capoeira.

Figura 1 - Samuel Querido de Deus e Ularé.



Fonte: Negros Bantus.

A imagem foi tirada por Edison Carneiro e publicada em 1937 no livro *Negros Bantus*. Carneiro se abaixou em altura próxima a do menino do lado esquerdo da imagem, para fotografar os jogadores de capoeira e o público aglomerado e absorto. As roupas mais formais e elegantes da audiência sugerem um dia de domingo. As vestimentas mais simples dos jogadores indicam a informalidade das atividades de pescador (Samuel Querido de Deus) e de estivador (Ularé). Samuel, agachado no movimento da cabeçada, está descalço e usa um chapéu, destacando, por um lado, simplicidade e, por outro, habilidade. Não podemos afirmar se ambos os jogadores posaram para a imagem ou se os movimentos mais lentos e pausados da capoeira Angola facilitaram o registro. Mas é certo que a fotografia cria uma forma única de memória, pois no “intervalo entre o olho e o dedo, o fotógrafo espera” (LISSOVSKY, 2003, p. 20). No instante suspenso pelo clique de Edison Carneiro, o protagonismo da imagem é de Samuel Querido de Deus.

O movimento em que se abaixa e descreve uma cabeçada no quadril do oponente é um contragolpe que surpreende e inverte o jogo. Imprime assim uma dinâmica no gesto paralisado que anuncia futuras inversões. Já o ângulo formado pelas pernas esticadas dos jogadores compõe um triângulo sem base e em preto e branco no meio da roda. E se uma imagem é um objeto que nunca permanece idêntico a si mesmo, assumindo formas itinerantes (CADAVA, 2013, p. 26), o triângulo na roda poderia ser uma alegoria dos escritos de geração analisados: a perna negra no chão sustenta o realismo etnográfico de Edison Carneiro, ao passo que a perna branca no ar leva às ficções engajadas de Jorge Amado. A base, que não existe, seria o reconhecimento dos limites das representações sobre a cultura popular e, assim, da própria presença precária de Samuel Querido de Deus. Mas, no mesmo triângulo formado pelos jogadores, a base poderia ser os três jovens espectadores, cada um projetando futuros imprevisíveis, como o próprio jogo da capoeira.

## Referências

- ACUÑA, Mauricio. *A ginga da nação: intelectuais na capoeira e capoeiristas intelectuais (1930-1969)*. São Paulo: Alameda, 2014.
- AMADO, Jorge. *Bahia de Todos-os-Santos - guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador*. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- AMADO, Jorge. *Bahia de Todos-os-Santos - guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador*. 8. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.
- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- AMADO, Jorge [1935]. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- AMADO, Jorge [1937]. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. *Capoeira: The History of an Afro-Brazilian Art*. New York: Routledge, 2005.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CADAVA, Eduardo; NOUZEILLES, Gabriela. *The Itinerant Languages of Photography*. Princeton, New Jersey: Princeton University Art Museum, 2013.
- CAMPOS, Maria José. *Arthur Ramos: Luz e Sombra na Antropologia Brasileira*. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, 4, p. 27-36, abr. 1984.
- CARNEIRO, Edison. *Negros Bantus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- CARNEIRO, Edison. *Ursa Maior*. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1980.
- COUCEIRO, Luis Alberto; TALENTO Biaggio. *Edison Carneiro: o mestre antigo*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2009.
- DIAS, Adriana Albert. *Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- GOLDSTEIN, Ilana. O Brasil Best-seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- LIMA, Vivaldo da Costa; OLIVEIRA, Waldir Freitas (org.). *Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo: Corrupio, 1987.

LISSOVSKY, Mauricio. A máquina de esperar. In: GONDAR, Jô; BARRENECHEA, Miguel Angel (org.). *Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Pelas ruas da Bahia: Criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador Republicana (1912-1937)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *Movimentos da cultura Afro-brasileira - A formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950)*. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2001.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

REIS, Letícia Vidor. *O mundo de pernas para o ar. A capoeira no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Publisher Brasil, 1997.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual feiticeiro: Édison Carneiro e o campo de estudo das relações raciais no Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2011.

SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-siècle*. Campinas: Unicamp, 1990; São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia, 1930-1949*. Salvador: EDUFBA, 2000.

VASSALO, Simone Pondé. Capoeira e intelectuais: a construção coletiva da capoeira 'autêntica'. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.

### **Nota Biográfica**

Mauricio Acuña é doutor em Literatura e Cultura pela Universidade de Princeton e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Autor do livro *A ginga da nação: intelectuais na capoeira e capoeiristas intelectuais* (Alameda, 2015), atualmente investiga o Primeiro Festival Mundial de Artes Negras (Dacar, 1966) e o internacionalismo negro no Atlântico.

E-mail: jacuna@princeton.edu

**Recebido em:** 14 de abril de 2021

**Aceito em:** 04 de junho de 2021